

Negras memórias do handebol no ginásio desportivo Ronald da Silva Carvalho (1970-1980)

José Carlos Ribeiro^{1*} , Pedro Rodrigues Curi Hallal¹ 

¹ Universidade Federal de Pelotas - Brasil.

*Autor de correspondência: canhotoribeiro@yahoo.com.br

RESUMO

Este artigo aborda as memórias do handebol nos jogos escolares maranhenses (JEMs) (1970), em São Luís-MA. O corpus empírico do estudo foi o ginásio desportivo Ronald da Silva de Carvalho, da Escola Técnica Federal do Maranhão (ETFMA). A pesquisa qualitativa com aporte teórico-metodológico da Memória e da História Oral, com entrevista dos "lugares de memória" negras do campo esportivo, objetivou reconstruir as experiências do handebol no JEMs. Os Jogos Escolares Brasileiros e a invasão dos paulistas em São Luis-MA, transformou as configurações na obtenção do sucesso esportivo no campo esportivo brasileiro e internacional.

ABSTRACT

This article addresses the memories of handball in school games from Maranhão (JEMs) (1970) in São Luís-MA. The empirical corpus of the study was the Ronald da Silva de Carvalho sports gym, from the Federal Technical School of Maranhão (ETFMA). The qualitative research with theoretical-methodological support of Memory and Oral History, with interviews of black "places of memory" in the sports field, aimed to reconstruct the experiences of handball in the JEMs. The Brazilian School Games and the invasion of São Paulo in São Luis-MA, transformed the configurations in obtaining sports success in the Brazilian and international sports field.

RESUMEN

Este artículo aborda las memorias del balonmano en los juegos escolares de Maranhão (JEMs) (1970) en São Luís-MA. El corpus empírico del estudio fue el gimnasio deportivo Ronald da Silva de Carvalho, de la Escuela Técnica Federal de Maranhão (ETFMA). Investigación cualitativa con apoyo teórico-metodológico de la Memoria y la Historia Oral, con entrevistas a "lugares de memoria" negros en el campo deportivo, tuvo como objetivo reconstruir las experiencias de balonmano en las JEM. Los Juegos Escolares Brasileños y la invasión de São Paulo en São Luis-MA, transformaron las configuraciones en la obtención del éxito deportivo en el campo deportivo brasileño e internacional.

PALAVRAS-CHAVE:

Ginásio Desportivo
Ronald Carvalho
Handebol
História Oral
Memória

KEYWORDS:

Handball
Memory
Oral History
Ronald Carvalho Sports
Gym

PALABRAS-CLAVE:

Balonmano
Gimnasio Deportivo
Ronald Carvalho
Historia oral
Memoria

SUBMETIDO: 11 de agosto de 2023 | **ACEITO:** 31 de agosto de 2023 | **PUBLICADO:** 31 de agosto de 2023

© ODEERE 2023. Este artigo é distribuído sob uma Licença [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

Introdução

O handebol, no formato como percebemos hoje, foi introduzido no campo esportivo brasileiro na década de 1950. O movimento de difusão do esporte iniciou por meio de um curso oferecido pela Associação dos Professores de Educação Física (APEF) no município de Santos-SP em 1952, ministrado pelo professor francês Augusto Listello. Envolveu professores de todo Brasil. A modalidade se desenvolveu nos diversos municípios brasileiros, sendo a escola o lugar de disseminação principal do movimento. A ascensão do handebol no campo esportivo escolar contribuiu para que ele fosse inserido em 1971 nos III Jogos Estudantis Brasileiros (JEBs) realizado em Belo Horizonte - MG, cujo coordenador geral dos jogos era o maranhense Ari Façanha de Sá, e nos Jogos Universitários Brasileiros (JUBs), a partir de 1972 (ANDRES; GOELLNER, 2021; HUBNER; REIS, 2005; VAZ; ARAÚJO, 2014).

No campo da seleção estudantil, o handebol maranhense chega ao seu auge em 1972, com ida ao JEBs - Maceió-AL, que nas falas Mary Santos, tanto cobrava a participação do Maranhão, indicavam o aspecto inédito da participação nos jogos, especialmente já que o Maranhão não vivenciou as três primeiras edições anteriores, acarretando uma certa desvantagem no campo esportivo estudantil. No âmbito do contexto estudantil maranhense, as primeiras competições que encontramos alguns registros foram os I e II Festival Esportivo da Juventude (FEJ) dos anos de 1971, 1972 e na transformação deste evento esportivo nos I Jogos Estudantis Maranhenses (JEMs) em 1973, ambos efetuados pelo Departamento de Educação Física e Desporto do Estado do Maranhão-DEFER (VAZ, 2014).

A importância e o ineditismo do handebol nos JEMs no ginásio desportivo Ronald da Silva de Carvalho, da Escola Técnica Federal do Maranhão (ETFMA) fizeram dessa ocasião um dos mais lembrados e revisitados locais da historiografia do esporte escolar maranhense. Esse momento pode ser rememorado e revisitado a partir dos vários "lugares de memória" que vivenciaram essa experiência, entre os quais evidenciamos: o prédio do ginásio e seus agentes esportivos negros (atletas, técnicos, árbitros, dirigentes, gestores, torcedores e simpatizantes do handebol, súmulas e boletins dos jogos, entre outros).

Podemos observar que esse lugar constitui a memória social negra do handebol brasileiro e maranhense. Ressaltamos a escassez e a raridade dos assentos – memórias, narrativas, documentos, publicações – que versam sobre a origem desse percurso, que conseguiria ampliar o *habitus* esportivo acerca da experiência do handebol estudantil no Brasil e no ginásio desportivo Ronald Carvalho, em São Luís-MA.

Na presença desse silenciamento, apagamento ou carência de fontes que narrem a *práxis* de agentes negros no handebol no Brasil, pouquíssimo é conhecido sobre a historiografia de negros e negras do handebol estudantil e, como implicação, a memória social do handebol é comprometida. Isto posto, com o fim de contribuir com algumas lacunas acerca da historiografia oral do handebol nos JEMs, esta pesquisa tem o intuito de analisar e narrar a experiência de agentes negros e negras do handebol nos JEMs realizado no ginásio desportivo Ronald de Carvalho, do início ao fim do ciclo dos jogos neste ginásio (1976 a 1980).

Para tal, nos amparamos no campo teórico-metodológico do estudo da Memória (BOURDIEU, 1983, 1989; HALBWACHS, 1990) tendo por suporte técnico a contribuição da História Oral (AMADO; FERREIRA, 1998; PORTELLI, 2010; SEAWRIGHT; MEIHY, 2021; THOMPSON, 1992), por inferimos que este olhar possibilita narrar e analisar por meio das fontes orais, escritas e imagéticas, tons associados à constituição e estruturação do handebol JEMs desse período.

Considerando as narrativas como fontes singulares dessa pesquisa, seguimos as etapas dos procedimentos preconizados no projeto “Garimpendo Memórias”, a elaboração do roteiro, diligência de entrevistas, transcrição, copidesque, conferência pelo agente entrevistado, rubrica da carta de outorga dos direitos autorais e publicação do texto *on-line* (ANDRES; GOELLNER, 2021).

A rede de colaboradores, para esta pesquisa foi constituída por 03 três narradores (BENJAMIN, 1994). Foram feitas entrevistas com agentes negros do handebol no ginásio desportivo durante o JEMs: José Maranhão Penha, 71 anos, ex-atleta, professor de Educação Física e técnico da equipe de handebol da ETFMA, por 35 anos; José Henrique Azevedo, 68 anos, ex-atleta e técnico de handebol em diversas escolas; Alexandre Magno Reis Muniz, 60 anos; José Francisco Lima Vieira, 58 anos, ex-atleta e árbitro do JEMs). As narrativas dos nossos entrevistados convergem para experiências que eles viveram e/ou em fatos que

ouviram falar. Pois, o registro e a análise das memórias de agentes entrevistados têm a finalidade completar, comprovar e reprovocar certos conhecimentos coletados sobre a entidade pesquisada (HALBWACHS, 1990).

Conforme o conhecimento da entidade por parte do pesquisador for maior, principalmente quando experenciou a cronologia dos acontecimentos da instituição, maior a recorrência a sua memória como principal substância de investigação, incorporando-a às pesquisas (entrevistas) empreendidas (HALBWACHS, 1990). Desse modo, o investigador passa examinar não somente a reconstrução da memória da experiência, mas a reelaboração e reconhecimento de suas lembranças individuais.

O autor evoca que, quando o investigador usa a sua memória como atestado das entrevistas com outros indivíduos, a incidência de consideráveis familiaridades (memórias em comum) entre elas é inevitável para uma reconstrução da memória coletiva. Pois, o pesquisador transcorre a analisar não apenas a memória individual estanque, mas a memória coletiva, que evidencia, um grupo social, retratado pelos entrevistados (COSTA, 2014).

Assim, por meio do compartilhamento de memórias orais, escritas e imagéticas (fotografias), construímos uma narrativa dos principais ciclos integrantes da memória do handebol estudantil do ginásio desportivo. Assim, da análise do *corpus* empírico que sustentam esta pesquisa, verificou-se três pontos principais convertendo-se no que permitiram o início, desenvolvimento a transformação do handebol de negros e negras no JEMs no seu começo: *habitus* esportivos maranhense, o advento dos JEBs e o intercâmbio com técnicos paulistas.

Professor Ronald da Silva de Carvalho

“Prof. Ronald” nasceu em 15 de dezembro de 1915. Educador, advogado, diretor por mais de 20 anos da antiga ETFMA, posteriormente Centro Federal de Educação Tecnológica do Maranhão (CEFET-MA) e, hoje Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA) São Luís Campus Monte Castelo, trabalhando por mais de 44 anos na instituição. Grande nome da Educação Física e do Esporte maranhense, jogou futebol, foi um renomado atleta de basquete, que praticava o esporte desde 1939. Dirigente esportivo ligado ao

Sampaio Corrêa Futebol Clube de São Luis-MA. Criou a Associação Atlética do curso de Direito em 1951, alicerce da Federação Atlética Maranhense de Esportes (FAME); “foi membro do Conselho Regional do Desporto (CRD) e do Tribunal da Justiça Desportiva (TJD-FMF)””; foi um dos criadores da Federação Maranhense de Basquetebol, em 1958 (VAZ,2005). Isso demonstra em parte o currículo do “Prof. Ronald”, que foi um agente muito bem sucedido e reconhecido em seu espaço social, gozava de capitais econômico, social, cultural, simbólico e esportivo (BOURDIEU, 1983, 1989).

Na memória de um candidato a aprendiz de handebol relembro meu primeiro contato visual diante daquela personalidade esportiva negra, tomo como base a minha tez e a dele que eram parecidas, descendo as escadas do ginásio que leva seu nome com uma bola de basquete debaixo do braço canhoto, do mesmo lado do ginásio que fiquei quando adentrei pela primeira vez aquele espaço esportivo, já que este lado dá acesso ao ginásio de quem vem da direção geral e de outras dependências das ETFMA. Ele descia trajando uma camiseta regata toda branca e de um calção branco listrados com linhas grossas verticais alternadas nas cores preta, vermelha e verde, o calção era similar à da equipe de handebol da Instituição de ensino que ele era o diretor. Ele se dirigiu para uma sequência de cestas fixadas na parede final do ginásio e começou a fazer variados tipos de arremessos e bandejas com estivesse brincado, igual a uma criança diante de seus brinquedos. Foi o que percebi naquele momento que ficou impresso na minha memória. Acredito que a *memória incorporada* do desportista professor Ronald da Silva de Carvalho está impregnada em cada canto do ginásio e cada *lugar de memória* dos agentes negros que ali passaram e passarão.

O guardião negro do ginásio desportivo Ronald da Silva de Carvalho: professor Joaquim

O Prof. Joaquim Viana, nasceu em 15 de dezembro de 1915 e faleceu dia. Educador, diretor por mais de 20 anos da antiga ETFMA. CEFET-MA; IFMA São Luís *Campus* Monte Castelo, trabalhando por mais de 44 anos na instituição. Grande nome da Educação Física e do Esporte ETFMA, jogou futebol, que praticava desde jovem. Dirigente esportivo, criou o Clube de Regatas Flamengo do Bairro do Monte Castelo em 1951, onde vários atletas negros de handebol jogavam também

futebol, como Abmael Reis Muniz Filho, Alexandre Magno Reis Muniz, José Francisco Lima Vieira e o professor de handebol da ETFMA José Maranhão Penha entre outros (José Maranhão Penha, 10/11/ 2022). Esta pequena experiência biográfica aponta a *práxis* do “Prof. Joaquim”, como agente negro importante na Educação Física, do campo esportivo da ETFMA, e do esporte amador comunitário do Bairro do Monte Castelo, onde possuía capital social, econômico, cultural, simbólico e esportivo. Estes capitais incorporados eram de suas disposições duráveis, fruto de seu trabalho e experiência obtidas pelo agente negro em seu espaço social, ou também de conhecimento existente no âmbito familiar, isto é, as vivências das gerações anteriores transmitidas também pela oralidade (BOURDIEU, 1998).

O que chamava a minha atenção no professor Joaquim Viana enquanto circulava pelas dependências do ginásio, era a sua pele negra, semelhantes aos dos negros da nossa comunidade afrodescendente de Preto do Pau Pombo, em Santa Helena, na região da Baixada maranhense, local onde funcionavam as grandes fazendas de canavial a base de mão de obra do trabalho de negros escravizados. A mesma *cútis* das velhas Martinha, Erotides, Gregória, Bendito (Charuto), a primeira era filha e os demais foram netos do velho escravo Francisco Maia (Chico Maia), que herdou as terras onde residem os seus descendentes em nossa comunidade Quilombola, como pagamento pelos seus longos anos de trabalho escravo aos donos das terras, que se estendia do município de Alcantara até o estado do Pará-PA. O velho ‘Chico Maia’ fez uma promessa a ‘Todos os Santos’ de realizar todos os anos os ‘Festejos de Todos os Santos’, com muita comida durante uma semana com a finalidade de ‘não morrer sem antes ver seus filhos livres da escravidão’ (PRETOS DO PAU-POMBO).

Com a nova reestruturação e evolução das Escolas de Aprendizes Artífices, alguns cursos foram extintos como os da seção de trabalhos de couro: obras de correio; trabalhos de curtume e selaria; obras artísticas e manufatura de couro, onde o professor Joaquim Viana lecionava. Como conhecia bem o campo esportivo, ele veio trabalhar no Departamento de Ciências da Saúde, que era constituído pelos professores de Educação Física, de Segurança do Trabalho e do Meio Ambiente. O professor Joaquim, atuou como gestor de toda infraestrutura dos equipamentos esportivo da ETFMA, dentre elas o ginásio de desporto Ronald da Silva de Carvalho. Ele era bem remunerado como professor, o que lhe fez sofrer discriminação racial por parte do gerente da Agência da Caixa Econômica Federal de São Luís -MA, que se negou a pagar uma boa diferença salarial que lhe era devida pelo governo Federal, seu Joaquim percebeu logo que o problema era sua *cútis* preta, já que o gerente pagava normalmente os outros funcionários,

enquanto achava trata-se um tremendo engano um “pretinho receber aquela quantia de dinheiro”, mas teve que pagar o pretinho (JOSÉ MARANHÃO PENHA).

Foi no ginásio que avistei pela primeira vez o senhor Joaquim, no entra e sai da sua sala de onde gerenciava todo o ginásio durante o JEMs 1977, no início da minha carreira com aprendiz de handebol. Passou os JEMs 1978/1979 e só no início do ano de 1980 tive um contato mais próximo com ele, quando tentava me ajudar a encontrar a minha prova no arquivo, diante de diversos maços amarrados por fios de algodão, a pedido do técnico de handebol José Maranhão Penha, da instituição, na tentativa de ajudar a saber qual o motivo da minha reprovação no certame, e se poderia ter alguma possibilidade de aprovação diante de uma possível revisão de nota. Acontece que tirei 3,5 ficando sem a mínima possibilidade de revisão de nota. Uma pena, pois, o professor Maranhão gostaria que eu jogasse em sua equipe de handebol escolar, e eu acho que poderia contribuir com a equipe dele também e ao mesmo tempo estudar na ETFMA, um sonho para alguns estudantes negros e negras dos estratos socialmente desfavorecidos das periferias das urbes, que vivenciavam no corpo e na alma o processo de diferenciação social negativa, experienciado as duas faces da moeda. Digo, a “cara” e a “coroa” do chão da escola (BOURDIEU, 2008).

Já em 1991/92, como professor substituto de Educação Física do CEFET/MA, tive oportunidade de conviver mais com o gestor Joaquim, era um negro educado, respeitador, disciplinado, higiênico e organizado. Quando entrávamos na sala sob sua responsabilidade, onde ficava os diferentes materiais esportivos, percebíamos a organização dos equipamentos, todos bem limpos, preparados para o uso imediato e dispostos em lugares específicos. Ele tinha o cuidado de estar constantemente renovando o estoque de material esportivo, demonstrando, como educador que era, todo seu apreço pelo processo de ensino-aprendizagem-treinamento da educação esportiva dos alunos atletas da antiga ETFMA.

Os Jogos Estudantis Maranhenses – JEMs

“Uma de nossas iniciativas foi justamente essa de criar esses jogos escolares; foi o primeiro e o segundo, e depois nós o transformamos em JEMs”. O primeiro JEMs

foi em 1973 – “sempre tem essa dúvida; o pessoal não guarda isso”, mas, o I FEJ foi em 1971. O II FEJ, em 1972; e o I JEMs, em 1973, porque? “Nós participamos do III JEBs e a sigla pesava, assim por bem achamos melhor mudar para JEMs, nós já tínhamos passado o I e II FEJ com sucesso. Estas falas de Cláudio Vaz dos Santos indicavam a importância e o ineditismo desse momento, um dos mais lembrados da memória e história JEMs (VAZ; ARAÚJO, 2014).

É importante rememorar uma pequena experiência biográfica do criador do JEMs, o Sr. Cláudio Antônio Vaz dos Santos, o “Alemão”, nascido no dia 24 de dezembro de 1935, em São Luís-MA. Economista, ex-atleta de basquetebol, voleibol, boxe, atletismo, natação, futebol de campo e de futsal. Fez parte da famosa “Geração de 53”, do esporte maranhense nas décadas de 50 e 60. Em 1971, coordenou o Departamento de Educação Física, Esportes e Recreação (DEFER), ligado à Secretaria de Educação e Cultura (SEC), na época. Estruturou o esporte e a Educação Física maranhenses; implantou escolinhas de esportes no Ginásio Costa Rodrigues, que funcionava das 5hs da manhã às 23 horas, com futebol de salão, basquete, voleibol, ginástica olímpica, capoeira, xadrez, judô, boxe, karatê, folclore e outras. Ainda em 1971, criou e realizou o I e II Festival Esportivo da Juventude (FEJ), transformando em seguida os I JEMs, logo após a vinda dos JEBs de 1973. No início de 1974, contratou diversos técnicos e professores, para reforçar as equipes maranhenses nos diversos jogos e campeonatos regionais e brasileiros. “Nessa época, trouxe os professores Laércio Elias Pereira, Domingos Salgado e o atleta Edivaldo Pereira (Biguá), de Handebol”. Foi coordenador do DEFER até 1978; em 1979, foi para Brasília, coordenar a Unidade Esportiva do DF; em 1980, volta a São Luís para dirigir a Fundação Municipal de Esportes (FUMESP); foi Coordenador de Desportos da Secretaria de Desportos e Lazer (SEDEL), nas gestões de Louis Philip Moses Camarão, “Phil Camarão”, Marly Abdala, já na época da GEDEL. Trabalhou, também, na Prefeitura Municipal de Caxias, na gestão do prefeito Paulo Marinho, por dois anos. Aposentado como fiscal de rendas, atuou como assessor parlamentar do Deputado Manoel Ribeiro. Foi secretário adjunto da Fundação Estadual de Esportes do Maranhão (FEEMA), transformada em seguida em Secretaria de Estado de Desporto e Lazer, durante a gestão do governador José Reinaldo Tavares, de 2002 a 2007 (VAZ; ARAÚJO, 2014).

Um aprendiz de handebol no ginásio desportivo Ronald da Silva de Carvalho

A obra de construção física iniciou em 1970 e a fundação do Ginásio de Desporto da ETFMA pelo professor Ronald da Silva de Carvalho ocorre em 1976. Neste ano começou a sediar os jogos de handebol dos JEMs. Foi o primeiro da capital a ter as dimensões de quadra mais próximas das regras oficiais do esporte, 18 por 36. O ginásio era controlado pelo professor negro Joaquim Viana, que lecionara a disciplina de cultura do couro.

A mim, reminiscências do Ginásio transbordam, pelas experiências vividas que tive, e que ainda tenho desse monumento do esporte maranhense. No ano de 1976 como aluno de Centro de Ensino do Maranhão (CEMA) fui convidado a “gazeir” aula para assistir ao jogo entre CEMA versus Liceu Maranhense pela categoria juvenil feminino. Foi o meu primeiro contato com o ginásio de desporto Ronald da Silva de Carvalho, espaço de socialização esportiva de jovens negros das periferias da capital. A imagem que tenho registrada na minha memória daquela primeira experiência, representa bem o que era o JEMs no início dos anos 1970, um lugar completamente superlotado por adolescentes e jovens simpatizantes de um esporte que vinha obtendo muito sucesso esportivo e destaque no campo esportivo brasileiro. Em função disso era muito difícil adentrar o ginásio para assistir os jogos de handebol durante o JEMs.

Empurra, empurra do começo ao fim do corredor lateral de acesso a entrada principal do ginásio, que logo no seu início a esquerda tinha um pequeno abismo onde muitas pessoas caíam durante o empurra-empurra. Eu mal conseguir subir as rampas de acesso da parte superior do ginásio, de tanta gente ao logo da sua extensão. Como era debutante, nunca tinha entrado em um ginásio de desporto ao logo dos meus doze anos de idade, e não tinha a estatura alta, tive que me deitar na parte medial rampa para espiar a quadra de jogo, onde naquele momento ficou fotografado em minha memória uma imagem que foi determinante na minha experiência como atleta de handebol, lá eu só conseguir visualizar um jogador louro com uma equipagem com calção e camisa toda vermelha, me falaram que aquele colégio era o Cardoso Amorim, que era famoso pelo seu handebol escolar e que neste ano fez a final do JEMs na categoria juvenil masculino com o colégio Batista Daniel de La Touche, uma outra potência no

handebol escolar e no JEMs como um todo, e que ficou com título, ao vencer a decisão.

Essa memória foi determinante para que eu escolhesse o colégio Cardoso Amorim para estudar e começar minha experiência esportiva no handebol, ao ganhar um bolsa de estudos do governo federal para alunos negros e carentes vindos das camadas menos favorecidas economicamente e de *habitus* esportivos coletivos. Vale lembrar que a minha bolsa de estudos foi concedida pelo então Senador maranhense Edson Lobão, da República Federal do Brasil, por meio de Maria Teresa Trabulsi, amiga de minha mãe, de quem era costureira, contribuindo para que um negro pudesse ter acesso ao processo ensino-aprendizagem melhorado. Ao chegar no colégio Cardoso Amorim, tive oportunidade segurar nas mãos as camisas vermelhas dos jogadores com o loiro *Itaécio* que vira quando fui a primeira vez ao ginásio desportivo, e percebi que ela tinha os punhos brancos intermediados com pequenos círculos nas cores azul e vermelho de tecido de boa qualidade.

Outro fato relevante que me chamou atenção pela familiaridade, mais do que o resultado do jogo feminino que não me recordo, entre CEMA e Liceu Maranhense foi o cabelo da goleira negra da equipe do CEMA, alisado a base de pomada de soda cáustica com uma chapa quente que queima o rosto fazendo mal à saúde e endurece o cabelo, ficando semelhante a um capacete, semelhantes das negras afrodescendentes residentes da minha rua, José Sarney, do Bairro do Retiro Natal, ao lado do maior Quilombo Urbano das Américas, o Bairro da Liberdade, unidos pela Avenida Getúlio Vargas (ASSUNÇÃO, 2017).

Entre de 1977 a 1980 passei a frequentar assiduamente, como atleta de handebol escolar do colégio Cardoso Amorim, aquele espaço de educação esportiva e depois em 1991, como professor substituto de Educação Física e técnico de handebol, do então CEFET-MA; em seguida como professor efetivo do IFMA, aprovado em concurso público de provas e títulos em 2008. A memória e a história do Ginásio se confundem com a historiografia do handebol maranhense, regional e brasileiro e nos JEMs até 1980. Lugar onde o professor de Educação Física e técnico de handebol da ETFMA, José Maranhão Penha ensinava e corrigia os primeiros passos de seus alunos atletas no esporte. Trago também à tona os principais jogos vitoriosos do Cardoso Amorim entre oficiais sobre a ETFMA pelo JEMs

e dos amistosos feitos aos sábados pela manhã, quando o atleta escolar só entrava se o nome dele estivesse na lista oficial na portaria, com calça compridas, para inserir neste texto.

As escolas pioneiras dos JEMs

A memória de uma instituição esportiva se faz, também, a partir dos agentes que realizaram as ações esportivas iniciais. É importante registrar quais foram as primeiras escolas que criam a gênese do movimento de constituição do handebol, fundamental com alicerce deste esporte maranhense.

As escolas públicas periféricas ludovicenses constituídas em sua grande parte pela população negra e pobres de São Luís-MA, como os filhos de pedreiros, marceneiros, encanadores, lavadeiras, costureiras, vendedores ambulantes, diaristas, carroceiros, empregadas domésticas, açougueiros, entretanto estes dotados de *habitus* esportivo decorrente das diversas experiências motoras coletivas estimuladas em seu espaço social distinto de outras classes sociais. As instituições de ensino foram Gonçalves Dias (Bairro da Bom Milagre, na Avenida Kennedy); CEMA (Bairro da Bom Milagre, na Avenida Kennedy); Ueb Ens. Fund Sá Valle (Rua da Companhia, 100 Anil, São Luís - MA); Ueb Ens. Fund Luís Viana e Colégio SESI (Avenida Dom José Delgado, s/n, Alemanha. São Luís - MA; Centro de Ensino Coelho Neto (Rua Jorge Damous-Vila Ivar Saldanha/Barreto, São Luís – MA); ETFMA (Avenida Getúlio Vargas, Nº 04, Monte Castelo), a detentora do ginásio desportivo Ronald da Silva de Carvalho (objeto empírico de nossa pesquisa), o que mais se aproximava das dimensões oficiais das regras do handebol, tornando-se um espaço privilegiado de socialização esportiva e protagonismo de negras e negros no campo esportivo maranhense e brasileiro. Todas estas instituições públicas de ensino estão localizadas no entorno do maior Quilombo Urbano da América Latina, o Bairro da Liberdade, apenas o Liceu Maranhense ficava no centro de São Luís-MA, ao lado do ginásio Costa Rodrigues. Os professores de Educação Física e/ou técnicos esportivos das escolas eram funcionários públicos estaduais ou municipais.

As escolas privadas da classe média ludovicense, na época, ficavam geralmente nos bairros próximos e/ou no centro histórico da capital, como os colégios extintos: São Lázaro (Rua Venceslau Brás, s/n, Bairro Diamante); CIPE (Rua

Vespasiano Ramos, s/n, Bairro Diamante); Ateneu Teixeira Mendes (Avenida Silva Maia, s/n, Centro); Cardoso Amorim (Rua Santa Rita); Creuza Ramos (Rua Candido Ribeiro, s/n, Centro); Ivar Saldanha (Rua da Estrela, s/n, Centro); Evangelista Rodrigues (Rua da Saúde, s/n, Centro); Ronald Carvalho (Rua dos Afogados, s/n, Centro); os Colégios Humberto Ferreira; Independência; Zoé Cerveira, na Rua Oswaldo Cruz, s/n, Centro; Henrique de La Roque (Rua do Passeio, 249 - Centro); Colégio Brasil (Avenida São Sebastiao, 744, Cruzeiro do Anil); Colégio Pax (extinto) (Avenida 13 Anil III, 10, Cohab Anil); Instituto Educacional Freitas Figueiredo-extinto- (Jardim de Fátima 20, Anil), constituídos por uma mescla de um pequeno grupo da população negra e branca pobre da capital, que conseguira uma árdua bolsa de estudos do governo federal para estar nesses colégios. Contavam com professores especializados contratados para distintos esportes, embora em sua maioria os coletivos, como futebol, futsal e handebol, e mesmo assim não possuíam equipamentos esportivos em suas infraestruturas físicas, fazendo realizar todo o trabalho de descoberta, formação, desenvolvimento esportivo em espaços públicos e/ou privados contratados para esta finalidade e obtendo um certo resultado no subcampo esportivo do handebol escolar.

As escolas privadas da alta classe ludovicense da época ficavam geralmente no centro histórico da capital maranhense, como os colégios: Instituto Tecnológico-ITA, vira MENG-ambos extintos- (Av. Gomes de Castro - Centro); Rosa Castro-extinto (Avenida Gomes de Castro, 132, Centro); Colégio Marista, hoje Instituto Tecnológico do Maranhão-IEMA- (Centro); Dom Bosco, mudou para o Renascença, bairro nobre ludovicense (Rua do Passeio, 288 - Centro); Colégio Santa Teresa (Rua do Egito, 71 - Centro); Conceição de Maria, hoje Escola Municipal Uneb Ens. Fund Bandeira Tribuzi (Rua das Hortas, 256 - Centro); São Luís-extinto, (Rua das Hortas, S/N - Centro); Centro Caixeiral (extinto), hoje a Faculdade de Direito da Universidade Estadual do Maranhão-UEMA (Praça Benedito Leite, Centro); Colégio Batista Daniel de La Touche (Avenida São Marçal, 214- Joao Paulo); São Vicente de Paula (Avenida São Marçal, 204, Bairro do Joao Paulo); reconhecidos pela excelência no ensino-aprendizagem, verdadeiros centros de referência em educação, capazes de preparar os filhos da elites social e financeira para serem aprovados no vestibular dos cursos mais concorridos das universidades maranhenses (UFMA e UEMA) ou de outros estados do Brasil. Instituições possuidoras

de boas infraestruturas físicas, pedagógicas e de equipamentos esportivos. Com ginásios, campos de futebol, quadras específicas para determinados esportes (basquete, voleibol, handebol, futsal) e equipamentos para esportes aquáticos. Isso tudo para uma elite de alunos atletas possuidores de boa situação social, financeira e econômica, capazes de pagar elevadas mensalidades e/ou um pequeno grupo de alunos atletas negros pobres bolsistas vindos de outras escolas pelo seu protagonismo no esporte(handebol), mas sem a mesma condição de acompanhamento das demais atividades pedagógicas da sala de aula. Desse modo, capazes ter um corpo de professores/técnicos altamente qualificado na preparação de seus alunos atletas para obter ótimos resultados nos JEMs.

Os pioneiros professores de handebol das escolas do JEMs-1970/1980

A mesma observação feita no tocante às escolas são válidas para os professores. Muitos desses ocuparam lugares de relevância no handebol maranhense e brasileiro. O primeiro corpo docente de professores que atuaram no JEMs era assim constituído: José Pinheiro Silva (Cardoso Amorim), Rubens Nunes Saraiva - Rubilota (Gonçalves Dias, UEB. Fund. Luís Viana, Dom Bosco, Alberto Pinheiro, Santa Teresa), Evandro Sarney (Santa Teresa); Líster Castelo Branco (CEMA); Major Lopes (UEB. Ens. Fund Sá Valle); Manuel de Jesus Moraes (Centro de Ensino Coelho Neto, Ronald de Carvalho, Pax, Centro Caixeiral); José Maranhão Penha (Escola Técnica Federal do Maranhão-ETFMA, Conceição de Maria, SENAI); Maxwell Serejo da Silva (Instituto São Lázaro, UEB. Ens. Fund Miguel Lins); Sepp Maier (Ateneu Teixeira Mendes); José Henrique Azevedo (Colégios: Brasil, Zoé Cerveira, Silva Martins, Henrique de La Roque, Cintra, Liceu, Bacelar Portella, Gonçalves Dias, São Lazaro, APAE, Instituto Educacional Freitas Figueiredo, Aplicação, Seleção, Master); Manuel Galdino Costa (Creuza Ramos); Abmael Reis Muniz (Ivar Saldanha); José Sá (Evangélista Rodrigues); Vicente Calderon Filho (Batista Daniel de La Touche, Meng),Carlos Eduardo Tinoco Silva (Instituto Tecnológico-ITA), Álvaro Ribeiro Perdigão Neto (Marista e Dom Bosco); M (São Vicente de Paula) Manoel Stelio (Dom Bosco e Marista), Francisco-Chicão (Rosa Castro);Milton (Independência e SESI), Antônio Gastão (Centro Caixeiral); Edivaldo Pereira Biguá (Zoé Cerveira); Fernando Rodrigues Sobrinho- Fernando Piloto (Dom Bosco);

Leôncio Rodrigues Sobrinho – Lelé – (Gonçalves Dias); Luís Rei de França (Santa Teresa, Evangelista Rodrigues).

Atletas negros/negras pioneiros dos JEMs

Sebastião Rubens Pereira – Tião – (CEMA, Liceu, Batista, Marista), e as irmãs de Tião, Fernanda Sobrinho Pereira e Teresa Sobrinho Pereira (Zoé Cerveira, Dom Bosco); Rosa Reis (Santa Teresa); Cidalina – DADÁ - (UEB. Fund. Luís Viana, Dom Bosco); Ceres (Cardoso Amorim); Eudália (Marista); Alexandre - Boi Berrou- (Cardoso Amorim), Aceso (Cardoso Amorim); Abmael Reis Muniz Filho- Tamarino Negro (ETFMA); Alexandre Magno Reis Muniz Filho (UEB. Fund. Luís Viana, Ivar Saldanha), Luiz Aires Neto-Calhau (Instituto São Lázaro); José Franciso Vieira – Moleza (Independência); Sebastião Rubens Pereira – Tião – (CEMA, Liceu, Batista, Marista); Juvenal Marinho dos Passos-Juca Baleia, Pinheiro-Piolho, Serginho (Centro de Ensino Coelho Neto); Lambal (Colégio Brasil), Antônio Garcez (ETFMA), Elizeu Sousa Costa (UEB. Fund. Luís Viana; ETFMA), Fernando Sérgio Ribeiro de Souza-Fernando Cabeça (Zoé Cerveira, Batista), Washington Luís da Conceição Carvalho – Jarrão (Evangelista Rodrigues, Cardoso Amorim), Carlos Augusto Ribeiro Martins – Prof. Pelé – (Marista); Coca-Cola (UEB. Fund. Luís Viana, ETFMA); Nilson Lima Dias; Jonoaldo; Robson (UEB. Fund. Luís Viana); João Damasceno Sá (UEB. Fund. Luís Viana, ETFMA), Givanildo (UEB. Fund. Luís Viana, Centro de Ensino Gonçalves Dias), José Carlos Ribeiro – Canhoto (Cardoso Amorim); José Claudio (ETFMA); Tuna; Dionísio-Pelé (SESI, Batista); Luís Rei de França (Evangelista Rodrigues); José Maranhão Penha (ETFMA); José Henrique de Azevedo – Mangueirão (Zoé Cerveira), Azeitona (Silva Martins); Eusébio; Adão; Alcides (UEB. Fund. Luís Viana, Centro de Ensino Gonçalves Dias). Pedro Dadá (UEB. Fund. Luís Viana), Ubaldo; Jaílson (UEB. Fund. Alberto Pinheiro; Centro de Ensino Bacelar Portela); Costa Neto (MENG), Jonoaldo. José Braga Cantanhede Filho, Sebastião Antônio Oliveira Marques (Colégio SESI); Joubert de Jesus Ferreira Fonseca; Luís Aires Neto; Robson de Jesus Correa Pinto (Colégio Creuza Ramos); Paulo Roberto Carneiro Rocha (Colégio Ivar Saldanha).

A maravilha negra do handebol nos JEMs: “Sebastião Rubens Sobrinho Pereira – Tião”

De acordo com seu Amadeu João Silva Pereira, pai de Sebastião Rubens Sobrinho Pereira, o Tião, nasceu em São Luís, em 20 de janeiro de 1957 e faleceu em 9 de novembro de 2005 na mesma cidade. Tião, desde muito cedo no CEMA, chamou a atenção de técnicos e professores. Exímio no futebol e futsal, jogava bem voleibol, basquete e bom no atletismo, como relembram antigos parceiros do Bermudão - equipe esportiva maranhense, onde os atletas participavam de diversas competições em diferentes modalidades esportivas. Como atleta iniciou nos JEMs logo no prenúncio dos anos 1970, integrando sequencialmente as equipes do CEMA, LICEU de onde foi contratado para jogar na equipe do Colégio Marista e Batista. Sua estreia na Seleção Maranhense de Handebol Juvenil foi no campeonato brasileiro em Niterói-RJ, em dezembro de 1973, nesta ocasião, a seleção obteve o quarto lugar. Nesse período o Maranhão chegava às finais do campeonato brasileiro ficando entre as quatro melhores equipes do país. Em 1974, Tião retorna à competição juvenil em Osasco-SP, obtendo o terceiro lugar. Ainda em 1974, Tião inicia na seleção maranhense adulta, conquistando mais uma vez o terceiro lugar. Já no campeonato brasileiro adulto de 1976 disputado em Niterói-RJ, o Maranhão foi campeão. O reconhecimento nacional veio quando Tião, foi condecorado o melhor jogador de handebol do país, em seguida foi convocado para seleção brasileira, se destacou entre os melhores jogadores. Tião estava entre os três melhores jogadores de handebol do Brasil de todos os tempos, sem a menor dúvida (AROUCHE, 2005). O primeiro maranhense a participar da seleção brasileira de handebol, foi reconhecido internacionalmente como um grande armador central, embora dominasse quase todos os postos específicos do jogo de handebol, um jogador universal, como são denominados atualmente os jogadores com tais características (ALEXANDRE MAGNO REIS MUNIZ).

Tião confienciava a nós aprendizes de handebol e admiradores da sua memória incorporada de jogar o handebol, que após o treino e jogos da seleção brasileira, ele era convidado por alguns estudiosos a ficar sozinho em quadra realizando as técnicas de jogo do handebol, ao mesmo tempo que seus movimentos eram analisados por uma equipe de técnicos especializados. Daí,

insinuamos que durante seu percurso esportivo, Tião foi, também, objeto de atenção de diversos pesquisadores do Canadá, Marrocos, Portugal, Bélgica, Itália, Romênia, Espanha, França, estes três últimos países faziam parte da elite do cenário internacional naquela época, os estudiosos queriam compreender a memória *habitus* da técnica corporal do negro maranhense, que permitiu a ele ser proeminente no handebol nas quadras por jogou.

Sobre esse aspecto, em seu importante ensaio, sobre as técnicas corporais, o antropólogo Marcel Mauss (2003), mostrou a “importância do corpo como veículo de práticas culturais.” Emprega o termo *habitus* para apreender a “interiorização das diferentes culturas nas técnicas corporais”. Esses *habitus* oscilam não simplesmente com os indivíduos em suas imitações, oscilam, “sobretudo com as sociedades, as educações, as conveniências e as modas, os prestígios”. É necessário olhar “as técnicas e a obra da razão prática coletiva e individual, lá onde geralmente se vê apenas a alma e suas faculdades de repetição” (MAUSS, 2003, p. 404). Percebe-se no entendimento do autor que a relação indivíduo e sociedade se estabelece pelo suporte corporal. Aqui, a noção de *habitus* se refere à incorporação pelos indivíduos de experiências coletivas, conecta o social ao individual pela prática corporal.

Compreendido como um agente negro da cultura esportiva corporal maranhense, Tião concretizava uma técnica corporal de grupo específico do jogo de handebol, de acordo com pontua Pierre Bourdieu, o *habitus* se imprime nas visões de mundo, nos gostos e formas de sociabilidade. É uma fonte de percepção e de ação e referente àquilo que o indivíduo herda socialmente (BOURDIEU, 1983).

Tião relatava para nós aprendizes do handebol um pouco do *habitus* esportivo dos europeus, que segundo ele, os exércitos Húngaro e Romeno praticavam o handebol nas ruas asfaltadas de pinche com as bolas molhadas, que ficavam dentro de um tonel com água, e à medida que elas secavam eram substituídas pelas que estavam molhadas (ALEXANDRE MAGNO REIS MUNIZ FILHO; JOSÉ FRANCISCO LIMA VIEIRA).

“Copa Latina na França Brasil pode Brilhar”. Esta manchete jornalística relata um pouco da experiência de “Tião” na Europa. Após 35 dias de treinos intensivos em São Paulo-SP, a delegação brasileira deixou o Brasil no dia 9 de abril de 1976 via Rio de Janeiro, para chegar a Paris. Compôs a chave “B” da Copa Latina de

Handebol (Espanha, México, França, Bélgica, Brasil), disputou uma vaga para as finais via os seguintes jogos realizados em Canes: 10 de abril (Espanha x México e França x Bélgica); dia 11 (México x Bélgica e Espanha x Brasil); dia 12 (descanso para todas equipes); 13 de abril em Ville de Draguignan a 50 km de Canes (Brasil x Bélgica e México); dia 14 em Vallauris, 5 km de Canes (Espanha x Bélgica, França x Brasil) dia 15 de abril - descanso e dia 16 de abril, em Nice, 20km de Canes (Brasil x México e França x Espanha). Na chave "B" jogaram entre si Portugal, Marrocos, Romênia, Itália e Canadá. No dia 17 de abril, foram definidos a 9º e 10º lugares. A seguir as 7ª. e a 8ª. posições e os 3º e 4º lugares. Dia 18 aconteceu a definição do 5º e 6º colocados e depois o 1º e o 2º colocados. Este jogo, de acordo retrospectos anteriores, poderiam ser disputados entre a Romênia, Espanha ou França. No dia 20 de abril, foi o retorno dos nossos 14 atletas ao Brasil, que inicialmente eram 32 atletas convocados, sendo 13 de São Paulo-SP, 19 de Minas Gerais-MG, do Paraná 03 do Rio de Janeiro e 02 do Maranhão. Foram efetuados diversos cortes, restando apenas os 14 atletas para compor a equipe da seleção brasileira de handebol (COPA..., 1976).

Tomando como base as *performances* local e nacional desse jogador negro maranhense de handebol, certamente "Tião" se destacou com um dos melhores jogadores dessa competição. Esse *habitus* se repetia quando atuava como atleta nas competições que participara, e na França não seria diferente. Embora, tenha sofrido preconceito, discriminação e boicotes por parte de grupos de atletas da seleção que não o queria na seleção, compreendida como a manifestação aberta do racismo, uma vez que um negro e nordestino ser um exímio jogador e o melhor atleta de handebol do Brasil da época. Conforme relatou Hamilton, um ex-companheiro de "Tião" na seleção, houve uma resistência a ele no grupo (ALEXANDRE MAGNO REIS MUNIZ FILHO; JOSÉ FRANCISCO LIMA VIEIRA).

Diante de tudo isso, "Tião" com apenas 18 anos, adaptou-se ao time só de brancos altos e paulistas, convencidos de sua qualidade, superando dificuldades de adaptação e aceitação no grupo. Ele poderia ter se recolhido e se inibido, mas fez justamente o contrário, lutou pelo seu espaço social e *lugar de memória* na historiografia do handebol brasileiro e mundial, se soltando e se desenvolvendo a cada treino e competição. "Tião" deve ter encantando a todos os participantes da Copa Latina de Handebol na França em 1976, com sua memória incorporada

de técnica corporal esportiva bastante refinada e apurada. Não foi por acaso que o jornalista da Gazeta Esportiva o intitulou de "*Tião Gatzu*", em referência ao famoso jogador romeno, cujo o nome era próximo dessa grafia (COPA..., 1976).

Tião faleceu aos 48 anos vítima cirrose hepática. Em reconhecimento ao seus feitos, como de sempre, os agentes negros do handebol maranhense lutaram até o fim, depois de muito embate com o gestor municipal durante os dias e até toda madrugada que antecedeu a inauguração de uma quadra coberta no dia seguinte no Parque do Bom Menino para nomeá-la de *Ginásio Tião* e obtivemos êxito pois trata-se de uma personalidade negra de grande vulto no campo esportivo local, nacional e internacional, embora tenham retirado a demarcação de handebol do *Ginásio Tião*. Em conversas informais o senhor Amadeu João Silva Pereira, pai de Tião, relatou que sempre se orgulhou do seu filho com o handebol.

Seleção maranhense estudantil masculina do JEMs 1980

No dia 24 de dezembro de 1979, o jornal "O Estado do Maranhão" apresentou a seguinte manchete no caderno de esporte: "SEDEL convoca para o pré – JEBs". O matutino esclareceu que a Coordenação de Handebol da Secretária de Desporto e Lazer expôs a relação dos atletas relacionados para treinamento, com o fim de formar a seleção maranhense masculina de handebol, que participou do Campeonato Escolar Brasileiro-CEBs (Pré-JEBs) realizado em 1980 em Curitiba-PR. Os atletas convocados foram os seguintes: George Ferreira da Silva, Edvanildo Soares Dinis (Colégio Gonçalves Dias); Rossano da Silva Batista, Antônio Augusto do Amaral, Adauto de Sousa Lima Neto, Wang Chao Jen (Colégio Batista); Carlos David Pinho da Silva, José Ribamar Teixeira Vasconcelos, Márcio Tadeu de Araújo Almeida, Jadiel Borges Feitosa (Escola Técnica Federal do Maranhão-ETFMA); Carlos Gilvan Aranha Pereira, Kleber Alves de Andrade, Joaquim Antônio Penha Neto, Felício Casas e Silva, Francisco José Teixeira Cardoso (Instituto Tecnológico-ITA); Sérgio Roberto Ribeiro Cruz, Délcio Guilhon Rosa, José Carlos Ribeiro, Antônio Werbeth Silva Reis, José Hermes Lins Laranjeira, Jorge Henrique Brito Barros (Colégio Cardoso Amorim); João Alberto Costa Faria, Fernando Tadeu Costa da Silva, Romero Henrique Carvalho Bertrand, Fábio Luís Zaqueu Monte, João Marques Bezerra Neto, Edval Hermenegildo Santos, Celso Franco Rabelo Jr.

(Colégio Marista); Washington Luís Conceição Carvalho (Colégio Evangelista Rodrigues); Antônio Ricardo Costa Moraes, José Benedito Bittencourt Reis Pinho, José Ribamar Bittencourt Reis Pinho (Colégio Santa Teresa); José Braga Cantanhede Filho, Sebastião Antônio Oliveira Marques (Colégio SESI); Walteriande Nogueira Almeida, Eliseu Sousa Costa (Colégio Luís Viana); Joubert de Jesus Ferreira Fonseca, Luís Aires Neto (Colégio São Lázaro); Benedito Costa Filho (Colégio Ateneu Teixeira Mendes); José Roberto Carvalho Lobato (Colégio Brasil); Otávio Inácio Mathias Gomes (Colégio Zoé Cerveira); Edilson Ribeiro Lopes (Colégio Sá Valle); Robson de Jesus Correa Pinto (Colégio Creuza Ramos); Paulo Roberto Carneiro Rocha (Colégio Ivar Saldanha); Sérvulo A. Mendes Júnior (Dom Bosco). Seguindo a determinação do treinador Vicente Calderoni Filho, a data de apresentação dos atletas foi agendada para a próxima sexta-feira, às 20 horas no ginásio Costa Rodrigues, onde os treinos deveriam começar ainda este ano, possivelmente no sábado (SEDEL..., 1979).

Consideração finais

Ao reconstruir uma possível memória social negra do handebol nos jogos escolares maranhenses no ginásio de desporto Ronald de Carvalho (1970-1980), a partir da narrativa de agentes negros implicados e de diversos documentos, alcançamos também dados que evidenciam a historiografia desse campo esportivo no Brasil. De origem europeia, o handebol foi trazido ao Brasil na década de 1930 pelos imigrantes alemães, difundido em curso a professores de Educação Física nos anos de 1950 pelo francês Auguste Listello e afirmado na década de 1970, por meio de sua inclusão nos JEBs e JUBs. Tanto a ligação desse esporte europeu quanto seu vínculo com o esporte escolar atravessam vivamente as transformações do handebol em interfaces com a experiência dos agentes negros e com efeito o JEMs. Ademais, esses dois dados nos permitem compreender as experiências dos agentes negros na busca de sua excelência e reconhecimento no campo esportivo local, nacional e internacional. Por meio da memória escrita e das narrativas negras atingimos assim os objetivos da investigação. Foi dada a escuta e a voz aos negros com o fim de reconhecer a configuração da inserção desses agentes no subcampo do handebol. As memórias dos entrevistados foram

sobre o patrono e o guardião do ginásio, reminiscência do aprendiz de handebol, as escolas, professores, árbitros, atletas negros pioneiros JEMs, a maravilha negra do handebol escolar e convocação da seleção maranhense estudantil do último JEMs de 1980 realizado no ginásio de desporto. Foi possível apontar que a constituição da primeira experiência negra no JEMs foi motivada pela criação do JEBs que, nessa altura, já estava na sua terceira edição. Em nível nacional os campeonatos brasileiros, a seleção maranhense com vários negros em seu elenco não teve grandes dificuldades em garantir boas colocações perante os demais estados participantes. Em nível internacional tivemos a participação com destaque do atleta negro maranhense “Tião” na Copa Latina na França em 1976. Nas memórias, as interfaces entre *habitus* de classe e de raça emergem, visivelmente latejante, percebidos na estrutura socioeconômico dos entrevistados. Ao longo das narrativas, alguns particularidade culturais do povo negro de gêneses africana como ofícios, artes, religiosidade se destacaram nas entrevistas. Nas memórias que se apresentam no espaço de sociabilidade esportiva, pôde-se perceber a importância que o ginásio teve na manutenção de um lugar de visibilidade do negro perante a sociedade branca. Ressalta-se que conforme as entrevistas, era comum negros se destacarem em várias funções dentro do ginásio, inclusive jogando com brancos nos JEMs havendo relatos de segregação entre as equipes escolares de handebol. Alguns agentes negros de destaques no campo esportivo como técnicos, atletas, árbitros e gestores nominados sugeriram nas narrativas e pouco ou nada se conhece ainda acerca de suas memórias e experiências. Notamos eventos de racismo e injúria raciais em São Luís-MA e no handebol e em função de relatos, é iniciada a ação efetiva de combate pelo Movimento Negro de São Luís. Cabe evidenciar que esses relatos formam matriz primária que atendem ao antirracismo. Este estudo é o começo de uma contestação ao esquecimento e silenciamento da memória oficial. Há muito o que estudar sobre a memória de agentes negros no handebol maranhense.

Para o investigador, a pesquisa não finaliza com o presente artigo, já que reconhece a imposição da reconstrução social da memória que visibilize os invisibilizados do handebol do Brasil. Uma reflexão do provérbio africano da Nigéria de autoria ignorada, repassado pela oralidade até os dias atuais, pontua: Até que os leões aprendam a escrever os contos de caça, glorificarão sempre o caçador.

E outro: Até que os leões inventem as suas próprias histórias, os caçadores serão sempre os heróis nos contos de caça. Na mesma linha os escritores, uruguaio, Eduardo Galeano e o africano Mia Couto advertem, reproduzindo um provérbio africano: “Até que os leões tenham seus próprios historiadores, as histórias de caçadas continuarão sempre glorificando o caçador”.

As reflexões acerca do leão e do caçador africanos servem de "mote" para endossar narrativa desse artigo, por acreditarmos que pode ser pensado como um marco nas experiências de leões, os agentes negros do ginásio, pois, não basta acabar com a escravidão é necessário destruir as suas obras (NABUCO, 2000). Assim, também, os negros que procuram desconstruir a memória herdada desse processo. Intelectuais ativistas e acadêmicas negras(os), afro-brasileiras(os), acirraram os diálogos sobre o impacto da experiência negra no esporte na luta pela superação das distinções nesse campo. Percebemos pouca participação de intelectuais negras(os) inquietos com a memória e o legado dos negros no handebol. Poucos envolvidos em pesquisas que buscam reconstruir novas memórias individual e coletiva para protagonizarem contos de caça, compreendidos como práticas diversas de resistência.

Esse estudo é uma condenação ao silenciamento da memória historiográfica, um clamor contra o amordaçamento da memória não apenas sobre/dos negros, mas do Brasil e de sua configuração étnico-racial-cultural. Pois, aos leões do nosso grupo, foi preciso muito mais do que aprender a escrever para narrar a nossa memória. Concebemos aprender a construí-la dentro e por meio de códigos acadêmicos rígidos e, mesmo que não as criássemos, foi preciso procedimento criativo para além desses códigos tradicionais. É certo que o fato tem a ver com advento dos leões na Academia. Logo não fugimos de levar para os programas de pós-graduação os nossos problemas específicos; as nossas questões atinentes a nossa própria memória ancestral. Assim, contribuirmos grandemente para uma transformação no traço do agente no imaginário acadêmico verificado não só na pesquisa do campo da memória. É um processo que envolve experiência de leões. Daqueles leões do passado, invisibilizados e silenciados, e as dos leões criativos atuais que, após apreender singulares memórias, linguagens, tecnologias e conhecimento acadêmico concretizam a reconstrução social da memória e do legado esportivo daqueles.

REFERÊNCIAS

AMADO, J.; FERREIRA, M. de M. (coord.). **Uso e abuso da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.

ANDRES, S. de S.; GOELLNER, S. V. Seleção Brasileira de Handebol Feminino: da primeira convocação à conquista da vaga Olímpica (1983-2000). **História Oral**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 53-68, 2021. DOI: <https://doi.org/10.51880/ho.v24i2.1189>

AROUCHE, T. Morre Tião, o “Maravilha Negra”. **O Imparcial**, São Luís, 11 nov. 2005.

ASSUNÇÃO, A. V. L. L. **“Quilombo Urbano”, Liberdade, Camboa e Fé em Deus: Identidade, festas, mobilização política e visibilidade na cidade de São Luís, Maranhão**. 2017. 162 f. Dissertação (Mestrado em Cartografia Social e Política da Amazônia) – Pós-Graduação em Cartografia Social e Política da Amazônia, Universidade Estadual do Maranhão, 2017.

BENJAMIN, W. O narrador: consideração sobre a obra de Nikolai Leskov. *In*: BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: ensaio sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOURDIEU, P. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp, 2008.

BOURDIEU, P. **Como é possível ser esportivo?** Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

COPA latina na França: Brasil pode brilhar. **A Gazeta Esportiva**, São Paulo, p. 44, 5 abr. 1976.

COSTA, M. A. N. **A educação para e pelo lazer no Colégio Americano Batista: uma análise dos dispositivos de controle das emoções à luz da teoria elisiana (1960-1990)**. 2014. 290 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HUBNER, E.; REIS, C. Handebol. *In*: DACOSTA, L. P. (org.). **Atlas do Esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: Confef, 2005. p. 281-284.

MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

NABUCO, J. **O abolicionismo**. São Paulo: Publifolha, 2000. (Grandes nomes do pensamento brasileiro da Folha de São Paulo).

PORTELLI, A. **Ensaio de história oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

SEAWHIGHT, L.; MEIHY, J. C. S. B. **Memórias e narrativas**. São Paulo: Contexto, 2021.

SEDEL convoca para o pré-JEBs. **O Estado do Maranhão**, São Luís, p. 11, 24 dez. 1979.

THOMPSON, P. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VAZ, L. G. D.; ARAÚJO, D. M. **Querido professor Dimas**: Antônio Maria Zacharias Bezerra de Araújo e a educação física maranhense: uma biografia autorizada. São Luís: Colograf, 2014.